ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

AFRO-BRASILEIROS NO MUSEU PARANAENSE: silêncios, demandas públicas e ressignificações

AFRO-BRAZILIANS AT THE MUSEU PARANAENSE: silences, public demands and resignifications

AFRO-BRASILEÑOS EN EL MUSEO PARANAENSE: silencios, demandas públicas y resignificaciones

Joseli Mendonça Maria Nunes Mendonça[1]
Renê Wagner Ramos[2, 3]

RESUMO

Pautado pelo interesse em refletir sobre a relação do público com o passado e sobre a construção de narrativas de passado destinadas a grandes públicos, este artigo insere-se no âmbito do que vem sendo designado História Pública. Nele, abordamos a maneira como a população afro-brasileira tem sido representada no Museu Paranaense, instituição de preservação da memória situada na cidade de Curitiba. Como essa entidade tem forte ação educativa junto a escolas da região, o artigo também tem relação constituída com o

[1] Doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas, na qual também se graduou (1988) e concluiu mestrado (1995). É professora na Universidade Federal do Paraná. Tem experiência na área de História, com ênfase na História do Brasil do século XIX e da Primeira República, tratando de temáticas relacionadas à História Social do Trabalho (imigração, escravidão, trabalho compulsório, experiência de afrodescendentes no Pós-Abolição), às relações entre História, Direito e Justiça, Ensino de História e História Pública. E-mail: jmendon123@gmail.com.

[2] Doutorando em História pela Universidade de Passo Fundo. Graduação em História pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. Atualmente é Historiador no Museu Paranaense – Curitiba. E-mail: renewramos@uol.com.br.

[3] Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal do Paraná, Departamento de História. Rua General Carneiro, 460, Centro, CEP: 80050160 - Curitiba, PR, Brasil.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

Ensino de História. Buscamos com ele demonstrar que, tendo sido constituído para forjar uma identidade paranaense fortemente marcada pela valorização da história da imigração de origem europeia, o museu tem silenciado sobre a presença de negros na formação populacional da região, esvanecendo ou limitando a abordagem das experiências de escravidão e do pós-abolição na história local. Embora essa característica ainda se mantenha no circuito expositivo do museu, sob demandas sociais de grupos afrodescendentes, a instituição vem buscando recompor a narrativa histórica até então estabelecida. Desse percurso de silenciamento, dos desafios para a recomposição das histórias contadas é que trata esse artigo.

PALAVRAS-CHAVE: História do Paraná, História Pública, Ensino de História, escravidão, pós-abolição,

ABSTRACT

Motivated by the interest to reflect on the relation of the public with the past and on the construction of past narratives destined to a great public, this article is inserted in the realm of which has been designated as Public History. In this article, we approach the manner the Afro-Brazilian population has been represented at the Museu Parnanense, an institution for memory preservation in the city of Curitiba. As this entity has a strong educational action at the local schools, the article also has a constituted relation with the Teaching of History. Our aim is to demonstrate that, having been created to forge a Paraná identity, which is strongly branded by the appraisal of the history of European immigration, the museum has been silent about the presence of Negroes in the population formation of the region, vanishing or limiting the approach of slavery experiences and the post-abolition period in the local history. Although this characteristic still remains in the exhibition circuit of the museum, the institution is now seeking, attending to social demands from Afro-descendant groups, the historic recomposition until recently established. This article talks about the route of silencing and the challenges for the recomposition of the histories narrated.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

KEYWORDS: Paraná History, Public History, Teaching of History, slavery, post-abolition.

RESUMEN

Guiado por el interés en la reflexión sobre la relación del público con el pasado y la construcción de narrativas del pasado dirigidas a grandes audiencias, este artículo se inserta en el ámbito de lo que viene siendo denominado Historia Pública. Con él trabajo, se discute cómo la población afro-brasileña ha sido representada en el Museo Paranaense, institución de preservación de la memoria localizada en la ciudad de Curitiba. Como esta entidad tiene una fuerte acción educativa junto a las escuelas de la región, el artículo también se relaciona con la educación en historia. Buscamos demostrar con él, que siendo creado para forjar una identidad paranaense fuertemente marcada por la valorización de la historia de inmigración de origen europeo, el museo ha silenciado la presencia de los negros en la formación de su población en la región, desvaneciendo o limitando el abordaje de las experiencias de esclavitud y de post-abolición de la historia local. Aunque esta característica aún permanece en el circuito de exhibición del museo, en virtud de las demandas sociales de los grupos de ascendencia africana, la institución viene buscando recomponer la narrativa histórica establecida hasta ahora. Es sobre esta trayectoria de silenciamiento e sobre los retos para la reconstrucción de las historias contadas, que trata este artículo.

PALABRAS CLAVE: Historia de Paraná, Historia Pública, Educación en Historia, Esclavitud, Post-abolición.

Recebido em: 28.01.2017. Aceito em: 26.03.2017. Publicado em: 01.04.2017.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

Um museu para produzir e disseminar conhecimento

O Museu Paranaense está situado em região denominada Alto São Francisco, na cidade de Curitiba. Localizada próxima ao Largo da Ordem, área na qual se localizam vários edifícios tombados pelo Estado[4], sua sede – o chamado Palácio São Francisco - inicialmente serviu de residência familiar e, depois, foi sede do governo estadual. Após abrigar por um tempo o Tribunal Regional Eleitoral e, posteriormente, o Museu de Arte do Paraná, o edifício tornou-se, em 2002, sede do Museu Paranaense, guardando extenso acervo formado por cerca de 400 mil itens. São, como descritos na página eletrônica da instituição, objetos de uso pessoal, mobiliário, armas, uniformes, indumentárias, documentos, mapas, fotos, filmes, discos, máquinas, equipamentos de diversas espécies, moedas, medalhas, porcelanas, pinturas em diversas técnicas e esculturas.[5] Além de um grande acervo arqueológico (lítico, cerâmico e biológico), o museu dispõe de artefatos de significativo valor antropológico (cestaria, plumária, armas, adornos e cerâmicas indígenas), e também de uma grande coleção de retratos a óleo, recebidos da antiga Pinacoteca do Estado.

Sua fundação ocorreu em 1876, por iniciativa particular de duas pessoas então bastante proeminentes na cidade. Um deles, Agostinho Ermelino de Leão, um influente homem público, que já havia exercido o cargo de vice-presidência da província em vários períodos da segunda metade da década de 1860.[6] Outro, José Cândido da Silva Muricy, médico também de destacada atuação na vida pública local.

[4]Uma apresentação do local pode ser vista em: http://www.turismo.curitiba.pr.gov.br/conteudo/setor-historico/1697 (acesso em 26/01/2016)
[5]Vide (http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=48, acesso em 26/01/2017)
[6]Vide http://www.arquivopublico.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=43).

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

Em 1882, quando a instituição foi incorporada pelo governo provincial, seus objetivos foram assim definidos: coligir, classificar e conservar sob sua guarda os produtos naturais e industriais que interessassem ao estudo da história natural ou que mostrassem as riquezas da província, além de "quaisquer curiosidades em geral" (apud CARNEIRO, 2013: 180). Seu acervo, a princípio, enfatizava os aspectos relacionados à história natural da região. No início do século XX, essa valorização foi ainda mais marcada, pela criação – já em sua segunda sede – de um pequeno parque zoológico, com cerca de 40 animais, entre mamíferos, aves e répteis. (CARNEIRO, 2013: 55-57).

Terceiro mais antigo do país (o primeiro a ser constituído foi o Imperial - posteriormente Nacional, fundado em 1818; o segundo, o Paraense, de 1866), o Paranaense organizou-se como as instituições similares criadas no final século XIX, período que, como observou Lilia Schwarcz, foi denominado "era dos museus". Sua orientação não destoava dos demais, predominando uma perspectiva enciclopédica, evolutiva, comparativa e classificatória (SCHWARCZ, 1993: 67 passim).

Também suas funções se assemelhavam às das outras instituições do gênero: constituir-se como depositário de material de estudo, preservando tudo que possibilitasse o avanço do conhecimento científico; promoção da pesquisa científica a partir do acervo constituído. Com efeito, como registrou Morales (2014:183 passim), o museu foi espaço privilegiado de produção de conhecimento, pelo menos até a consolidação Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Paraná, criada em 1938 por iniciativa de vários intelectuais também ligados ao museu.

Essas funções, cujas ênfases variaram ao longo de sua trajetória conforme a orientação dada pelos indivíduos que assumiam sua direção

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

(MORALES, 2014; CARNEIRO, 2013), estiveram associadas a outras de cunho pedagógico, que objetivavam divulgar conhecimentos para um público não especializado. Essa perspectiva de atuação esteve presente desde o início de seu funcionamento, pois, como registrou Carneiro (2013: 55) observando relatório do governador do Estado, já em 1895 este registrava que a instituição deveria "[abrir] as portas a estabelecimentos de ensino para ali realizarem lições". A ampliação do alcance de conhecimentos também se fazia por meio de um circuito expositivo constituído para o grande público, que inicialmente podia visitar o museu nos domingos e feriados, e também às quintas-feiras, a partir de 1903 (CARNEIRO, 2013, p. 104).

O caráter educativo do museu persistiu ao longo de toda sua existência e é muito forte na atualidade. Na década de 1970, como observou Morales (2014, p. 278),a missão educativa foi ressaltada, sendo referência para a composição do acervo e montagem de exposições, e considerada fator de justificação da existência da instituição, mantida com recursos financeiros públicos.Atualmente, a divulgação é realizada por três setores: o Educativo, o de Ação Cultural e o de Educação Patrimonial. Este tem como objetivo trabalhar junto a professores, estudantes e a comunidade aspectos relacionados à memória histórica e cultural, o que se faz principalmente por meio de cursos de curta duração. São as ações do Setor Educativo e as do Setor de Ação Cultural que incidem de forma mais direta sobre o grande público. O primeiro realiza mediações em visitas de professores e estudantes da Educação Básica ao circuito expositivo do museu[7]. Grande parte dos visitantes buscam a instituição para conhecer a exposição permanente e também as temporárias e participar dos eventos

[7] Em http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=207 (31/01/2017), link para guia de visita virtual ao museu, é possível acompanhar os locais de visitação pública.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

culturais organizados pelo Setor de Ação Cultural.[8] Em 2016, segundo dados fornecidos pela equipe técnica da instituição, a visitação expressou-se quantitativamente pelos seguintes números:

Tabela 1 – Quantidade de visitantes com e sem mediação no MP – 2016

Visitantes mediados pelo Setor Educativo	13.694
Professores - 1.240	
Estudantes - 12.454	
visitantes sem mediação do Setor Educativo	37.745
Total de visitas	51.439

Fonte: Setor Educativo do Museu Paranaense.

Considerando o total de estudantes matriculados no município de Curitiba em 2016 (391.318[9]), podemos considerar que a frequência do público escolar ainda é exíguo, sobretudo pelos limites impostos pela disponibilidade da equipe que realiza as mediações. Esse número, entretanto, não é pequeno e indica que a instituição desempenha, atualmente, um importante papel como produtor e divulgador de narrativas sobre o passado, sobretudo se considerarmos o número total de visitação ao museu (51.439). Isso nos estimula ainda mais a pensar quais representações de passado estão sendo por ela veiculadas, tratando aqui,

[8] Quando escrevemos este artigo, um evento de grande repercussão atraía grande quantidade de visitantes ao museu. A exposição "Gufan" apresenta uma reconstrução facial 3D de um homem Proto-Jê, cujo crânio – de idade estimada em 2 mil anos - foi encontrado durante uma escavação realizada no ano de 1954, em Estirão Comprido, um sítio arqueológico localizado no município de Prudentópolis, área central do Paraná. Cfe. em http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=171&tit=Paranaense-de-dois-mil-anos-tem-face-revelada-com-auxilio-de-tecnologia-3D .

[9] Não localizamos nos portais do INEP e das Secretarias Municipais ou Estaduais de Educação do Paraná os dados relativos às matrículas de Educação Básica na capital ou região metropolitana. Por isso, os dados mencionados aqui são do Sindicato das Escolas Particulares do Paraná, que englobam as matrículas da rede pública e particular de Curitiba. http://sinepepr.org.br/estatisticas/Matriculas_Educacao_Basica_2016.pdf (acesso em 15/03/2017)

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

especificamente,daquelas que dizem respeito às narrativas constituídas sobre a população afro-brasileira.

História, memória e identidade nas narrativas do museu

O Museu Paranaense nasceu regionalista. A motivação inicial para sua organização foi a de transformar em acervo os gêneros da produção agrícola e industrial recolhidos das exposições provinciais, que eram preparatórias das nacionais que, por sua vez, selecionavam expositores brasileiros para as grandes Exposições Universais. Foi com esse intuito que os já mencionados Agostinho Ermelino de Leão e José Cândido Muricy - em 1874 integrantes da comissão que organizava a mostra provincial - propuseram ao então Presidente da Província a criação de um museu para coletar, expor e difundir produtos e riquezas do Paraná (CARNEIRO, 2013, p. 49).

O destaque para elementos da natureza e para as curiosidades locais visavam também constituir uma identidade paranaense e esse aspecto foi ainda mais enfatizado a partir do período de 1902 a 1928, no qual a direção da instituiçãofoi exercida por Romário Martins. Um dos principais membros do movimento de cunho literário e cultural denominado Paranismo, Martins junto com outros intelectuais[10] militaram no campo político e cultural no sentido de construir uma identidade regional, buscando na natureza símbolos que a representassem – a araucária, a erva mate - e definindo um perfil do "Homem Paranaense" (PEREIRA, 1998, p. 142-155).

Ao mesmo tempo em que valorizou ações que dessem legitimidade científica à instituição (CARNEIRO, 2013, p. 112-114), o diretor visava à

[10] Entre eles, Rocha Pombo, Nestor Vitor, Emiliano Perneta, Dario Velozzo, entre outros. Sobre o Paranismo e os intelectuais engajados no movimento, ver, além de PEREIRA (1998), também BEGA (2013).

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

divulgação das "riquezas naturais" da região, que apresentassem ao visitante um "mostruário o mais possível completo de tudo quanto for nosso,isto é, paranaense", com destaque para o que foi constituído pelo "Homem do Paraná em seu passo no caminho da arte, da indústria e das concepções culturais"(Martins, em relatório apresentado em 1906, apud CARNEIRO, 2013, p. 114). Esses "passos" estavam expressos principalmente no acervo constituído por peças históricas, do qual faziam parte troféus de guerras, armas, lanças, espadas, fardas, varas dos ouvidores, juízes e oficiais da Câmara do tempo colonial e imperial, relógios, objetos do século XVIII, coleções de medalhas e de moedas. Assim, o Homem Paranaense se constituiu por meio de uma narrativa etnocêntrica, organizada por objetos que evocavam a construção de uma civilização com referenciais europeus, fundada na força militar e no aparato administrativo. A escolha do mate e do tropeirismo como atividades econômicas significativas para o desenvolvimento econômico e conformação identitária completavam o quadro de traços que distinguiam o paranaense dos demais brasileiros. (MORALES, 2014, p. 307-309).

Ainda que os indígenas tivessem destaque na composição do acervo (CARNEIRO, 2013, p. 198 e seguintes), o lugar a eles reservados era o da abordagem etnológica, e não histórica propriamente[11]. Além disso, como registrou Pereira, a concepção predominante na constituição da narrativa sobre os indígenas era a mesma que orientava seu diretor que, à moda do romantismo, identificava neles atributos morais e físicos superiores, que estariam na base da formação do "Homem Paranaense" (PEREIRA, 1998, p. 150).

[11] MORALES observa que mesmo atualmente, embora inseridos na narrativa histórica, os povos indígenas só são representados – especificamente pelos objetos coletados nas buscas arqueológicas - pela sua inserção no período anterior à colonização, "sendo deixado para trás pelo tempo modernizado" (2014:309)

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

Dessa narrativa histórica voltada para a constituição da identidade regional foram totalmente banidos os africanos e seus descendentes, como se não tivessem feito parte da história local. Como observou Carneiro, "a escravidão era propositadamente esquecida desta história, apesar de a mão de obra de trabalhadores escravizados ter sido um recurso tão importante para o desenvolvimento da economia e tão longamente explorada." (Carneiro, 2013, p. 79)

Embora a constituição de uma identidade regional europeizada tenha sido mais intensa durante os anos 1920, na gestão de Romário Martins, ela ainda subjaz em parte importante da narrativa histórica expressa pela instituição. Escrevendo em 2014 sobre as orientações do museu, Morales registrou:

> Acredito, enfim, que o objetivo dos idealizadores do museu, em fins do século XIX, foi hoje remodelado para atender aos desenvolvimentos teóricos do patrimônio e suas disciplinas correlatas, mas o ensejo de proteger a identidade paranaense permaneceu o enfoque central. (168)

Também a inclinação para minimizar a importância da escravidão na história local e dos afrodescendentes na formação populacional da região se mantém, mesmo nos dias atuais. Uma visita ao o circuito de longa duração do museu pode elucidar essa escolha sobre a maneira de constituir o passado, de conformar memórias, de constituir identidades.

Afro-brasileiros e história da escravidão nas narrativas de passado

O circuito de longa duração do Museu Paranaense está organizado no *Pavilhão da História do Paraná,* que se organiza segundo uma cronologia que vai desde 12 mil anos atrás até o início do século XX, abordando o processo de ocupação da região. O visitante é a ele introduzido por meio de uma *Linha do*

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

Tempo da História do Paraná, na qual estão representados alguns eventos, como criação de colônias, inauguração da ferrovia Curitiba-Paranaguá, Revolução Federalista, entre outros. Também merecem destaque na *Linha* as etapas do desenvolvimento da região, expressas na forma de ciclos econômicos: mineração, no século XVIII; tropeirismo no XVIII e no XIX; exploração e beneficiamento do mate, no XIX e agricultura cafeeira no XX.
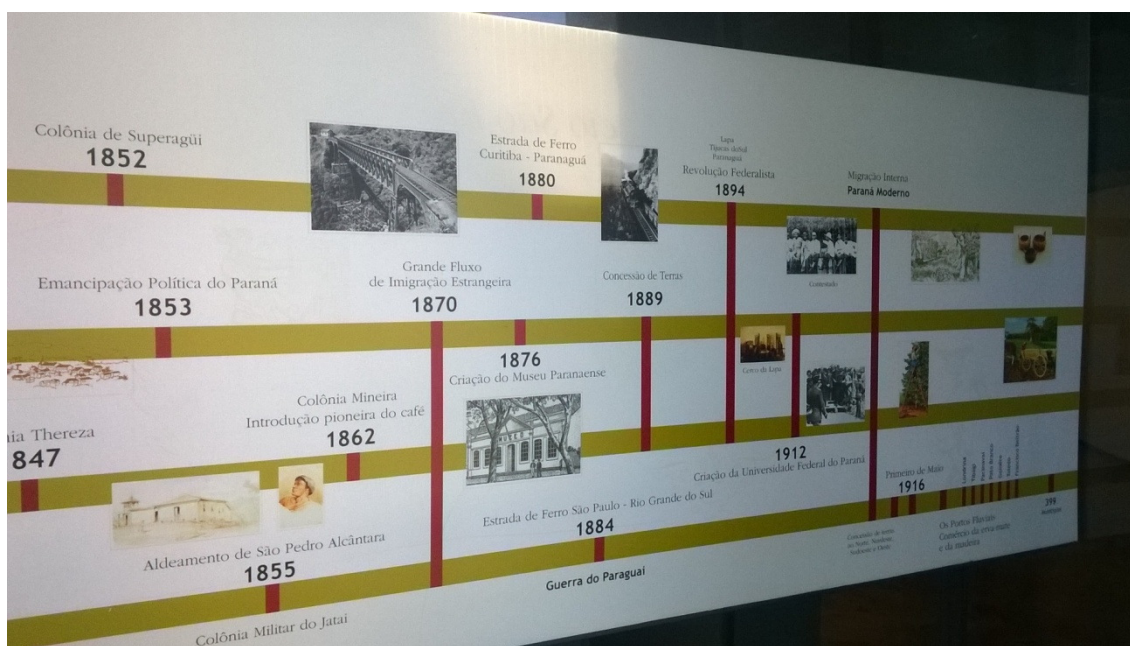
Imagem 1-*Linha do Tempo da História do Paraná*. Fotografia pertencente ao acervo do Museu Paranaense [sem indicação de data e de autoria]

Já no *Pavilhão*, o visitante tem acesso ao primeiro conjunto expositivo, que trata da inicialmente da presença indígena no período pré-colonial e na colonização. Depois; ressaltaa ocupação do território pelos espanhóis e, posteriormente,a colonização portuguesa, esta representada na fundação de Curitiba. Atividades como o tropeirismo também estão expressas. Peças de arte sacra evocam a religiosidade católica introduzida pelos colonizadores. O

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

período imperial também é destacado, por meio de peças de arte, mobiliário e louças. Enfatiza-se também aspectos relacionados à educação; reporta-se às atividades industriais no Estado[12].

A população afro-brasileira está referida no percurso expositivo em duas oportunidades. Uma delas, na *Linha do Tempo da História do Paraná* por uma imagem que, produzida por Debret, representa trabalhadores numa moenda de cana.
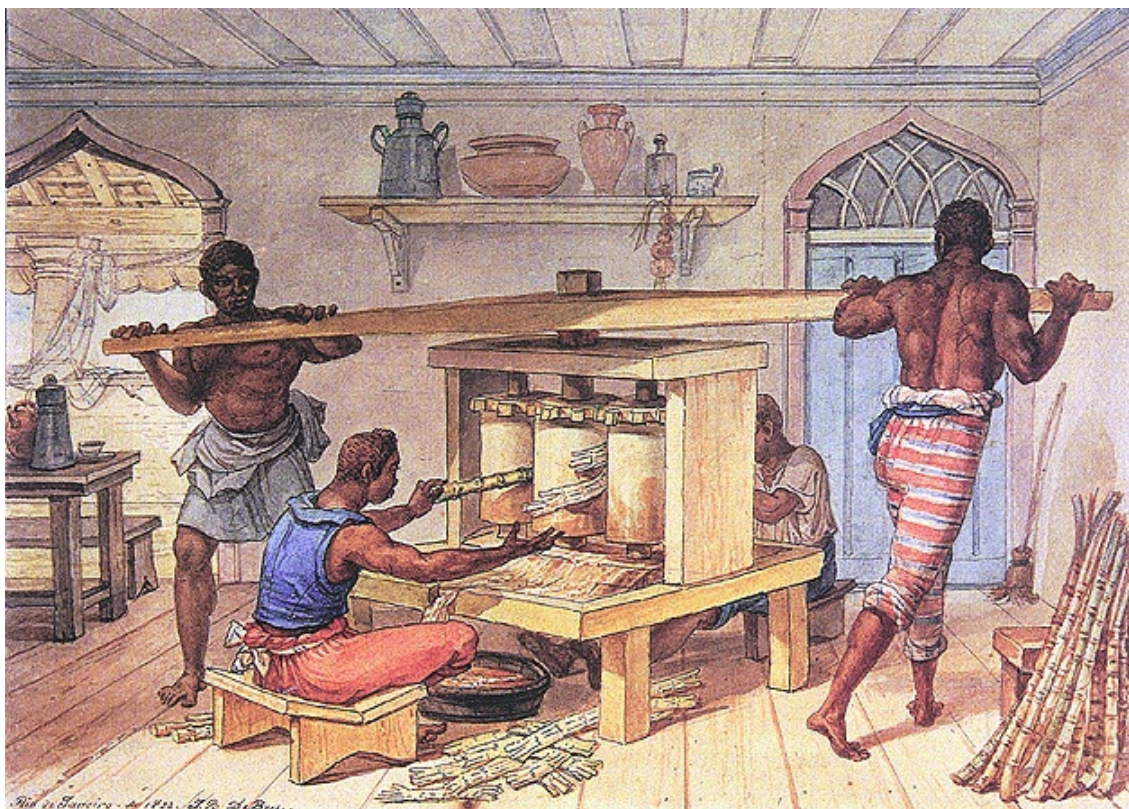
Imagem 2. Jean Baptiste Debret. Pequena Moenda de Cana. 1822, aquarela sobre papel, 17,6 x 24,5 cm Museu Castro Maya, Rio de Janeiro-RJ.

[12] A página eletrônica do museu oferece uma visita virtual, que permite acompanhar de forma panorâmica o circuito: http://www.tourvirtual360.com.br/audiomp/ (acesso em 24/02/2017).

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

A imagem não se reporta especificamente à escravidão local, pois o trabalho realizado pelos homens negros não está referido entre as atividades econômicas mencionadas na Linha do Tempo: a mineração – atividade predominante no início da colonização -, o tropeirismo, a exploração e beneficiamento do mate, a cultura cafeeira. É como se, para representar a escravidão na História do Paraná, fosse necessário evocar uma experiência de outro contexto - a produção de açúcar, à qual a própria *Linha do Tempo* não faz referência alguma.

Muito menos conhecida, mas muito mais oportuna para representar a escravidão na região, seria o registro pictórico que Debret fez da cidade de Curitiba – o único, talvez, sobre a localidade – no qual ele representa justamente um homem negro, escravo ou liberto, trabalhando em uma construção.

IMAGEM 3 - Debret – *Coritiba* - Aquarela sobre papel; 12,3 x 21,2 cm; assinada e datada embaixo à direita, na margem inferior, J.B. Debret *auBrezil* 1827. Procedência: Família Debret, Paris; Livraria Nourrit, Paris; Antonio de Almeida Correa, São Paulo; Marquês e Marquesa de Bonneval, São Paulo; Coleção Particular.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

E possível reconhecer pela conformação da imagem que o homem negro trabalha na edificação da Igreja São Francisco de Paula, da qual, atualmente, só restam algumas paredes de pedra, chamadas pelos curitibanos de "ruínas de São Francisco". Curiosamente, elas estão localizadas em uma praça exatamente defronte o prédio que abriga o Museu Paranaense.

Imagem 4. Ruínas de São Francisco, disponível no Guia Geográfico de Curitiba. Fotografia sem indicação de autor e data. http://www.curitiba-parana.net/patrimonio/ruinas.htm (29/03/2017). A parece cinza que se vê ao fundo é do edifício onde se localiza o Museu Paranaense.

É inevitável a pergunta: porque essa imagem não foi a escolhida para referir a escravidão na cidade, ao invés da outra, feita pelo mesmo artista? Certamente *Coritiba* não é das imagens mais conhecidas de Debret. Ao contrário da que o museu expôs na Linha do Tempo, ela não integrou a *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. Essa obra, publicada na França entre 1834 e 1839, após o retorno do artista de sua longa estada no Brasil, foi o principal veículo

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

de difusão da produção do artista entre os brasileiros.[13] Diferente da outra, *Coritiba* não ilustra livros didáticos, que utilizam em abundância a iconografia do pintor. Ela também não fez parte do conjunto imagético representativo da região, porque o investimento na constituição de memórias e identidades locais esteve muito mais associado à imigração, às populações de origem europeias do que à escravidão ou aos de ascendência africana.

A outra referência que o circuito de longa duração faz à presença dos afrodescendentes na história local encontra-se em um tablado no qual estão expostos objetos de contenção e punição: gargalheiras, tronco, algemas para punho, algemas de ferro para pés e mãos, vira-mundo, grilheta. Os objetos pertenceram à antiga cadeia pública de Curitiba, mas a legenda inserida no tablado informa ao visitante: "instrumentos de tortura usados no século XIX na América escravocrata". Digno de registro é o fato de se constituir uma referência à escravidão, mas não se fazer menção ao fato de terem feito parte de uma instituição local e, antes, os relacionar a um espaço outro, mais geral: a "América".

[13]Sobre a produção de Debret e composição da obra na França, ver LIMA (2004)

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

Imagem 5 – Tablado de exposição de objetos da antiga cadeia.

Esses elementos expostos têm uma grande força simbólica. Se a representação de Debret na *Linha do Tempo* pode até passar despercebida no percurso, os instrumentos de contenção e castigo dificilmente deixam de chamar a atenção do visitante, que, ao observá-los, é informado da relação constituída com a escravidão e com a punição aplicada aos escravos. Na maneira de apresentar a experiência da escravidão e do castigo, há uma espécie de neutralidade; nenhuma mediação é realizada - ao menos na composição do tablado e na legenda exposta[14] - no sentido de problematizar a violência que a escravidão ensejou. O tablado, assim, tende a associar a história dos afro-brasileiros na região à experiência da escravidão, resumida, esta, à violência

[14] É preciso registrar que a própria equipe que faz a mediação nas visitas, sensibilizada pelo efeito negativo da comunicação expressa pelo tablado, sobretudo em grupos com estudantes afro-brasileiros, tem realizado intervenções no sentido de minorar a "neutralidade" e naturalização daquilo que as peças exprimem.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

que, se foi de fato parte constitutiva dela, não a pode resumir. Ao, de certa forma, naturalizar a violência e restringir a narrativa histórica relativa a essa população ao processo de desumanização e de submissão realizada no contexto da escravidão, a representação dos negros no museu tende a constranger os visitantes de ascendência africana, fazendo com que eles não a legitimem e que com ela não se identifiquem.

Redefinindo narrativas

O pouco destaque dado à presença da história dos afrodescendentes nas história locais, como observou Araujo, é comum nos museus brasileiros. Até mesmo a história da escravidão tende a ser escassamente tratada nessas instituições: "com frequência", diz a autora, "o comércio atlântico de escravos está inserido no tema geral do comércio e a escravidão está consignada, quase sempre, no contexto colonial geral do trabalho" (2012, p. 133). Também é comum a tendência de, ao tratar de tal história, associar a população negra à escravidão e esta ao castigo. Zubaran e Machado (2013) registraram que essa relação organiza a narrativa sobre os afro-brasileiros no Museu Júlio de Castilhos, em Porto Alegre. Santos (2004, p. 11) verificou que ela está presente em vários outros museus nos quais, em geral, os objetos de castigo e contenção são exibidos de uma forma neutra, e, por isso, tendem a banalizar a violência exercida sobre aquelas pessoas às quais parecem se vincular como que "naturalmente".

Essas configurações, entretanto, vêm sendo submetidas a um intenso exame crítico, decorrente das transformações na maneira de interpretar a questão racial e de posicionar-se em relação a ela, levadas adiante, sobretudo,

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

pelos próprios afro-brasileiros. A partir da década de 1980, grupos de militantes negros passaram a realizar ações de valorização cultural – sobretudo evocando relações com a África – visando também à constituição de memórias e de elementos de identidade afro-brasileira. O Museu Afro-Brasileiro, uma das primeiras iniciativas bem sucedidas nesse sentido, foi inaugurado em Salvador no ano de 1982, exprimindo essa tendência que, ainda timidamente, mas de forma crescente, a partir de então se configurou.[15] Nos anos 1990 e na década seguinte, iniciativas institucionais (como o programa *Rota dos Escravos*, organizada pela UNESCO a partir de 1994) deram visibilidade a vários aspectos da experiência da população negra no Brasil. Nos anos 2000, às denúncias da desigualdade racial vigente no país (Araújo, 2000), passaram a ser postas em prática políticas públicas compensatórias, o que possibilitou o ingresso de negros em espaços que, até então, lhes eram muito restritos, sobretudo as universidades. Tentativas - por anos frustradas - de divulgação da história e da memória da população negra por meio de exposições museológicas puderam se viabilizar; este foi o caso do Museu Afro Brasil, na cidade de São Paulo, cujo projeto - de Emanoel Araújo - concretizou-se em 2004, com a inauguração da instituição.[16] No âmbito dessas transformações, as narrativas do passado da população afro-brasileira nos circuitos expositivos dos museus passaram a ser fortemente criticadas, não só por seus visitantes – sobretudo os que buscavam elementos identitários nas memórias narradas – mas também dos profissionais que as compõem.

Não foi diferente no Museu Paranaense. Ali, tanto a equipe administrativa e técnica como os visitantes passaram a identificar a necessidade de constituir novas narrativas do passado dos afro-paranaenses. As primeiras

[15]Vide, https://cartadeservicos.ufba.br/museu-afro-brasileiro-mafro
[16]Vide, http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/hist%C3%B3ria

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

ações de reformulação foram empreendidas por meio de eventos e de exposições temporárias. Uma dessas iniciativas vem ocorrendo desde 2012, com a mostra itinerante *Da invisibilidade à cidadania* que, expondo painéis com fotografias de comunidades quilombolas do Paraná, visava divulgar a vida dessas comunidades e incentivar o resgate de sua cidadania. Composta por fotografias de forte impacto estético e afetivo, feitas por Fernanda Castro[17]e por ela doadas ao acervo do Museu Paranaense, a mostra foi apresentada inicialmente na cidade de Castro[18]e levada posteriormente para outras localidades, estando, no período de elaboração deste artigo, no saguão da Secretaria do Estado da Cultura do Paraná.

Outra iniciativa no sentido de recompor as narrativas sobre o passado da população afro-brasileira no Estado foi realizada pelo Museu Paranaense de maio a setembro de 2013 quando, com a exposição *Passado e presente: Caminhos de uma identidade*, colocou em destaque a presença dos afrodescendentes no Pana região. O texto de apresentação da exposição explicitava:

> A construção social do Paraná está vinculada ao processo pelo qual passaram diversos povos, agrupamentos, colonos e imigrantes. Conjuntamente, deve-se considerar a presença do contingente populacional das culturas de matriz africana e afro-brasileira.[19]

Foram expostos então seis painéis com fotografias de Socorro Araújo, que mostravam monumentos históricos e personagens negrosdo passado, com

---

[17] A fotógrafa Fernanda Castro – ela própria de ascendência africana – fez parte do Grupo de Trabalho Clóvis Moura, instituído pelo Governo do Paraná, Ministério Público e a Sociedade Civil em 2006, com o objetivo de mapear as Comunidades Quilombolas e Comunidades Tradicionais Negras no Estado. http://www.gtclovismoura.pr.gov.br/ (27/02/2017)

[18]A descrição da exposição pode ser consultada em http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=186 (27/02/2017).

[19]Vide, http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=196

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

interface de manifestações e personagens do presente. Dentro dos temas tratados estavamas profissões, a cultura e a religiosidade, com destaque para a importância da população de ascendência africana na história de Curitiba e do Paraná.

Não obstante todas essas iniciativas e realizações, o circuito de longa duração da instituição continua apresentando as limitações a que já nos referimos. A partir de 2015, a equipe colocou-se abertamenteo desafio de reconfigurar a narrativa sobre o passado dos afro-paranaenses nesse espaço expositivo. Foi, então, formado um Grupo de Trabalho (GT – *Culturas Negras no Paraná*), que agregou membros da equipe técnica da instituição, estudantes e professores da Universidade Federal do Paraná, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, além de representantes de movimentos sociais ligados à militância pela valorização da cultura da população brasileira de origem africana e pela igualdade racial.

Uma das dificuldades já de início identificada para se recompor a maneira de abordar a presença dos negros na História do Paraná,é dada pela limitação do acervo. Nesse sentido, a equipe técnica e os membros do GT passaram a avaliar possibilidades de, com acervo disponível, alterar a maneira de representar os afrodescendentes no circuito expositivo de longa duração. Uma alternativa configurou-se pela própria identificação racial de personagens cuja representação já está constituída no percurso. Um exercício nesse sentido foi realizado com as imagens fotográficas que, fazendo parte do acervo do museu, referem-se ao movimento do Contestado. Realizando um exercício de observação orientado pela indagação quanto à composição étnica das tropas, Renê Ramos – um dos profissionais que fazem parte da equipe técnica do museu - mostrou que era significativa a presença de negros nas guarnições de

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

ambos os lados dessa revolta popular de grandes dimensões, ocorrida entre os anos de 1912 e 1916 (RAMOS, 2016) em área de litígio territorial entre o Paraná e Santa Catarina (MACHADO, 2004), objeto de tantas interpretações historiográficas.

Desde que o *GT Culturas Negras no Paraná* passou a trabalhar, não obstante as várias diferenças, divergências e mesmo disputas travadas entre sujeitos de diferentes formações e experiências – inclusive as racialmente constituídas –, alguns princípios unem a todos. Um deles, o de que é indiscutível a necessidade de se valorizar a presença de descendentes de africanos nas narrativas constituídas pelo circuito expositivo de longa duração, alterando substancialmente a própria identidade paranaense que orientou a atual composição expositiva. Outro, a de que essas narrativas não podem se resumir às experiências do castigo na vida em cativeiro, que tende a representar essa população pelo viés da vitimização e da submissão. Ainda mais, que é preciso enfatizar, na história contada pelo museu, elementos da cultura afro-brasileira expressos nas práticas religiosas, nas festas e na produção artística e intelectual, nas experiências de trabalho, enfim, os aspectos que possam mostrar os afro-paranaenses como sujeitos de sua própria história.

Considerações Finais

Os trabalhos voltados à história dos museus muitas vezes enfatizam o papel dos diretores, da equipe técnica e dos intelectuais, considerando a importância desses sujeitos como os definidores das políticas de aquisição e composição dos acervos e da formulação dos circuitos expositivos, portanto, na realização das práticas de preservação e difusão da memória, realizadas por essas instituições. A história do Museu Paranaense, aqui tratada de forma breve,

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

sugere que esta influência de fato existe, e não é pequena. Mas a mesma história tem mostrado que essas práticas de preservação vêm sendo questionadas por grupos sociais aos quais interessam destacar aspectos do passado que possam constituir memórias que favoreçam a conformação de identidades mais positivas. A intervenção desses grupos nas instituições de preservação de memória faz com que eles deixem de ser meramente expectadores– às vezes de silêncios estabelecidos e quase cristalizados – para surgir como sujeitos que também elaboram os princípios organizadores das narrativas que as instituições constituem. Nesse contexto de expressão de demandas, tendem a aflorar de forma premente as "memórias subterrâneas", aquelas que, como considera Pollak (1989), foram suprimidas no processo de construção de uma memória "oficial".É o que tem ocorrido no âmbito do Museu Paranaense.

Até o final da elaboração deste artigo, o trabalho do *GT Culturas Negras no Paraná* ainda não havia finalizado. Espera-se que, ao se concluir, ele possibilite alteração substancial na representação dos negros no *Pavilhão da História do Paraná*, de modo a favorecer a constituição de uma memória menos excludente. Isso importa muito aos afrodescendentes. Mas importa também a todos que anseiam por uma sociedade mais justa, mais equânime e mais democrática.

Referências

ARAUJO, Ana Lucia. "Local y global: Brasil y la memoria pública de laesclavitud". In: PENEAU, Marisa. **Huellas y legados de La esclavitud em las Américas**: Proyecto UNESCO La Tura Del Esclavo. Buenos Aires: Editorial de La Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2012, pp. 212-134.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p113

BEGA, Maria Tarcisa Silva. **Letras *e* Política no Paraná**: simbolistas e anticlericais na República Velha. Curitiba: Editora UFPR, 2013.

CARNEIRO, Cíntia Braga. **O Museu Paranaense e Romário Martins:** a busca de uma identidade para o Paraná.Curitiba: SAMP, 2013.

LIMA, Valéria. Uma viagem com Debret. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

MACHADO, Paulo Pinheir.**Lideranças do *Contestado*:** a formação e atuação das chefias caboclas (1912-1916). Campinas: Ed. da UNICAMP, 2004.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

RAMOS, Renê Wagner. A Representação dos Negros no Museu Paranaense.**Anais do XV Encontro Regional de História: 100 anos da Guerra do Contestado**. ANPUH. Curitiba: UFPR, 2016. Disponível em http://www.encontro2016.pr.anpuh.org/resources/anais/45/1467942565_ARQUIVO_artigoanpuhRenewRamos.pdf

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Entre o tronco e os Atabaques:** a representação do negro nos Museus Brasileiros. Colóquio Internacional: Projeto UNESCO: 50 anos depois. Janeiro de 2004.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUBARAN, Maria Angélica e MACHADO, Lisandra Maria Rodrigues. O que se expõe e o que se ensina: representações do negro nos museus do Rio Grande do Sul.**Momento**, v. 22, n. 1, p. 91-122, jan./jun. 2013.